

Transformação social e concepções de homem e trabalho. (De Homero a Hesíodo)

Alexandre Shigunov Neto* & Lizia Helena Nagel**

Resumo

O objetivo desse trabalho será apresentar, as vivências humanas e o significado de trabalho nos limites das obras de Homero – a *Ilíada* – e de Hesíodo – *Os trabalhos e os dias*. Isto porque para uma melhor compreensão desse período vivido e para uma melhor apreensão do que seria o trabalho que se altera a medida em que as sociedades modificam sua forma de organização, Homero torna-se o parâmetro de análise necessário para compreensão dos dados e fatos registrados por Hesíodo.

Considerações iniciais

Com interesse em compreender as mudanças sociais e o trabalho uma perspectiva histórica, nos propusemos a dividir nossa investigação em várias partes. Empenhados, assim, em examinar esse problema para além dos limites da sociedade capitalista, resolvermos fazer, inicialmente, uma incursão na literatura, acreditando que ela possa nos oferecer subsídios para isso.

Concordamos com Sodré¹ (1964) e Rosa² (1994) que afirmam que a literatura possa nos auxiliar a compreender as questões históricas e, por isso, fomos buscar, nos poetas da Grécia Arcaica, subsídios para melhor entender as transformações nos comportamentos ou no trabalho humano. Nosso objetivo, portanto, é apresentar, neste texto, as vivências humanas e o significado de trabalho nos limites das obras de Homero – a *Ilíada* – e de

* Administrador formado pela Universidade Estadual de Maringá UEM – Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá- UEM. Coordenador do Curso de Administração da Faculdade Cenecista Presidente Kennedy – Campo Largo – PR Universidade Estadual de Maringá UEM

** Doutora em História da Educação. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá - UEM

¹ Nelson Werneck Sodré (1964,2) em afirma que *entre as manifestações da vida social, nenhuma traduz mais fortemente os seus traços do que as artísticas e, entre elas, as literárias.*

² Em seu texto História da Educação no Brasil: a literatura como fonte alternativa, ela nos diz que os textos literários nos revelam o modo de ser das personagens em sua relação dinâmica com os encaminhamentos históricos de uma determinada época.

Hesíodo – *Os trabalhos e os dias*. Isto porque para uma melhor compreensão desse período vivido, para uma melhor apreensão do que seria o trabalho que se altera a medida em que as sociedades modificam sua forma de organização, Homero torna-se o parâmetro de análise necessário para compreensão dos dados e fatos registrados por Hesíodo.

A utilização e aplicação dessa metodologia - análise comparativa entre duas obras que expressam momentos distintos da civilização, - deve-se ao crédito de que nossa compreensão aumenta à medida em que estabelecemos relações entre as formas de viver do passado e as formas de viver que se seguem. Considera-se importante comparar dados porque assim podemos compreender o modelo de homem e o tipo de trabalho que lhe corresponde em cada momento histórico. Nesse sentido, nossa metodologia está fundamentada em três fases: na primeira fase procede-se à delimitação dos momentos históricos e exame das relações sociais; na segunda fase realiza-se a análise do modelo de homem típico de uma dada relação social; e na terceira e última fase faz-se a comparação entre as duas épocas e a verificação das características e semelhanças do homem nos períodos estudados, discriminando as principais preocupações dos sujeitos nos diferentes estágios pelos quais a civilização se desenvolver.

Situando Homero, temos que os dados relativos a existência desse poeta são inexatos, no entanto, pode-se supor que nasceu em Esmirna, atual Turquia, aproximadamente em 850 a.C. e faleceu na Ilha dos Ios, também chamada Nio, que fica no arquipélago das Cíclades, no mar de Cândia. Atribui-se a Homero tanto o “título” de fundador da poesia épica³ como o de maior e o mais antigo poeta grego. Suas principais obras foram a *Ilíada* e a *Odisséia* que descrevem, de forma fantástica, uma sucessão de acontecimentos da vida grega e oferecem uma interpretação da experiência humana, cujos êxitos são vistos como favores concedidos pelos deuses⁴.

³ É uma poesia longa sobre o assunto heróico, é uma série de ações heróicas de um determinado homem, do herói, ou de uma civilização. Pode-se supor que as epopéias mostram-nos uma evolução social, política, econômica e religiosa da sociedade grega.

⁴ Para Homero os deuses são homens idealizados que revestem a forma humana, porém, apresentando qualidades, tão admiradas e cultivadas pelos gregos, de beleza e de agilidade superiores às dos homens.

A *Ilíada* pode ser considerada a obra-prima da poesia épica, mas, para nós, mais do que apresentar em forma de versos os combates travados entre Gregos e Troianos, ela nos fornece indicadores para examinar as transformações nas relações sociais que vão se sedimentar na sociedade à partir da segunda colonização grega. Citando Nagel (1998), podemos dizer:

É através da *Ilíada*, no seu Canto I, que buscamos os principais indicadores das transformações sociais que estão a ser denunciadas por figuras de relevância para a comunidade homérica, se bem que o poema homérico se baseie na tradição oral e por transmitir elementos de épocas anteriores. Queremos ressaltar os registros, feitos por personagens da literatura, das alterações das características do homem ou de seus comportamentos quando da passagem de um período extremamente belicoso para outro. Período nascente que se vai fundar, não tanto em práticas marciais ou religiosas, mas em ações destinadas preferencialmente à acumulação individual por coerção política ou por ações intencionais, época que vai se estruturar em ações menos anárquicas, mais preocupadas com alguns novos ofícios ou funções. (p. 136)

Hesíodo, por outro lado, personalidade de grande vulto, posterior a Homero, foi considerado o criador da poesia didática. Viveu em Beócia, provavelmente no final do século VIII ou no começo do século VII a.C., época de luta entre proprietários de terras e a população excluída de privilégios, trabalhadores agrícolas, pastores, artesãos. Sua obra *Teogonia*, baseia-se na compilação, análise e ordenação de tradições míticas, e procura estabelecer a genealogia dos deuses, mostrando como se organiza o mundo divino. Em “*Os trabalhos e os dias*”, esse autor mostra a organização do mundo dos mortais, salientando a mão humana, o trabalho do homem, como princípio para uma existência digna.

Hesíodo, nessa última obra, estabelece os fundamentos da condição humana falando da necessidade do trabalho para o homem como libertador e ao mesmo tempo sacrificante e, desta forma, apresenta as transformações ocorridas na passagem de um período guerreiro para um período que valoriza a agricultura. Grandes transformações podem ser percebidas pelos registros que ele faz da prática social de sua época, pela descrição condenatória da forma de ser dos poderosos e do perfil elogioso do homem agricultor. Perfil de

homem que citado com ideal crescerá dentro de uma nova lógica que corresponde às inovações ou transformações nas atividades humanas.

O termo “*lógica*”, aqui empregado deve ser entendido como expressando os princípios e as leis, implícitas e/ou explícitas, que regulam determinada sociedade, ou seja, são os fundamentos vivos próprios à vida em sociedade, em um determinado momento histórico. Assim sendo, essa *lógica* pode ser expressa por diversas formas: explicitação do modelo de homem exigido; descrição da luta pela sobrevivência; informação sobre a organização familiar e a estruturação social; relato de como se desenvolve o trabalho. Também, pode ser expressa por valores e regras que acentuam a importância de determinados comportamentos, que por admoestações, quer por elogios.

Hesíodo – se comparado com Homero – nos oferece condições para examinar essa nova lógica, ou seja, os indicadores de uma nova sociedade em oposição à sociedade homérica. Os princípios guerreiros, a moral homérica, a louvação dos combates proclamados por Homero vão dar lugar as exigências de Hesíodo que vão entrar em conflito com os velhos valores e com as velhas formas de agir. A fase de louvação guerreira entra em depreciação, em decadência, morre aos poucos a lógica sustentada pela poesia homérica, e, no seio da desagregação dos pequenos reinos, surge uma nova lógica ou uma nova forma de organização social, que dará ao homem a idéia de que a riqueza se conquista (também) pelo trabalho disciplinado, principalmente na agricultura, e pela independência dos poderosos.

Da concepção de guerreiro à de trabalhador rural consciente

Quando nos referirmos ao termo “*transformação social*” estamos designando o processo amplo, complexo e lento de mudanças que ocorrem, por inúmeras razões – mas principalmente pelo surgimento de novas necessidades dos homens - de práticas, valores, princípios e características pertinentes a determinado tipo de sociedade. Consideramos, pro isso mesmo, a análise da transformação social extremamente importante pois as necessidades humanas, em constante transformação, precisam ser examinadas para uma maior autoconsciência do que somos ou fazemos.

Querendo penetrar nos caminhos da transformação, em dados e fatos da sociedade que se pretende analisar, concordamos com Nagel (1998), quando ela. Falando sobre o herói grego que antecede o cidadão, diz:

(...) pretendemos apreender o herói através da variedade dos discursos deles, em uma obra que expressa o vigor de uma época plena de ações guerreiras por entendermos ser a literatura um excelente caminho para o resgate da concepção histórica do homem que, se desenvolvida, poderia oferecer um melhor contraponto à concepção naturalista, hoje privilegiada na bibliografia contemporânea. (p. 136)

Esse processo de transformação da sociedade grega ocorreu de forma lenta e não de forma uniforme, embora Hesíodo tenha percebido a incorporação dessas novas formas de ser e de viver dos homens, tal situação não pôde ser percebida em todas as regiões da Grécia e pela maior parte de seus habitantes. Dessa maneira, pode-se considerar Hesíodo um “privilegiado” por sua capacidade de compreensão, pois ao mesmo tempo em que vivenciava aspectos relacionados a criação de uma nova prática social também vivenciava em alguns momentos aspectos referentes a prática social em extinção.

Nossa análise sobre o processo de transformação social recairá, fundamentalmente sobre alguns aspectos que consideramos que possam caracterizar esse período de transição e o próprio modelo de homem exigido:

- o valor social do indivíduo;
- a família;
- a contradição entre campo X cidade;
- o coletivo X individual;
- as características do homem exigido.

O valor social pode ser caracterizado como aquilo em que os homens acreditam ser “certo” para si e seus semelhantes, ou seja, são os princípios aceitos e tidos como sagrados pelos homens de determinada sociedade.

No período homérico, o valor social preponderante era o da figura do guerreiro, contudo a partir desse momento tem-se a inclusão de uma nova

categoria social, a do agricultor, que possui a função de plantar e criar animais para a própria sobrevivência humana. Ou seja, além da função do guerreiro, conquistador de riquezas, através das lutas e conquistas; surge a função do agricultor, sobrevivência humana e de acumulação de riquezas.

Verifica-se assim, a oposição entre dois grupos sociais, aqueles que optam pela agricultura, por este novo valor social, e àqueles que principalizam o valor social adquirido pela guerra⁵.

Importante ressaltar que, a guerra não deixa de existir no mundo grego, ela se manterá em toda a Antiguidade, o que mudará no século VIII-VII é o valor social do indivíduo, que passa a ser não só como um guerreiro, mas também como um agricultor. Como não há ainda, a extinção da guerra, o que mudará será a concepção de valores dos homens, o espírito de competição que dava orgulho à nobreza aristocrática, o orgulho de vencer, de sempre se por em confronto com seus inimigos, vai conviver com o orgulho de ser camponês; com o orgulho de participar da obra da natureza, o orgulho pelo esforço do lavrador. Surge assim, uma nova relação do homem no nível da prática e da consciência, sua relação participativa com a terra.

Tal consciência pode ser percebida na fala de Hesíodo,

não há origem única de Lutas, mas sobre a terra duas são! Uma louvaria quem a compreendesse, condenável a outra é; em ânimo diferem ambas. Pois uma é guerra má e o combate amplia, funesta, Nenhum mortal a preza, mas por necessidade, pelos desígnios dos imortais, honram a grave Luta. A outra nasceu primeira da Noite Tenebrosa e a pôs o Cronida altirregente no éter, nas raízes da terra e para homens ela é melhor. Esta desperta até o indolente para o trabalho: pois um sente desejo de trabalho tendo visto o outro rico apressado em plantar, semear e a casa beneficiar; o vizinho inveja ao vizinho apressado atrás da riqueza; boa Luta para os homens esta é. (Hesíodo:1990, versos 11-24)

A sociedade descrita por Hesíodo apresenta características muito distintas das apresentadas por Homero. Passa-se de uma sociedade formada por aldeias – baseadas em organizações de clã, formados basicamente por pequenas comunidades e grupos de pessoas, praticamente independentes do

⁵ A guerra além do aspecto destruidor atuava também como acumuladora de riquezas, no sentido que criava títulos de propriedade, pois os vencidos perdem seus bens, já os

controle externo e onde predominam os interesses coletivos -; para uma sociedade inserida em unidades políticas de maiores dimensões – a pólis. Eram construídas pequenas cidadelas ou acrópoles em locais elevados, como uma forma de defesa contra os inimigos, e posteriormente constituíam-se, naturalmente, ao redor delas as famosas cidade-estado, que tornavam-se a sede do governo de toda a comunidade.

O padrão de vida social e econômica das aldeias do período Homérico era simples, possuindo como lógica a propriedade particular; de uma sociedade guerreira, que satisfazia suas necessidades através de lutas, conquistas e do pastoreio. Já o padrão de vida social e econômica da cidade-estado do período de Hesíodo era um pouco mais complexo, passando de um regime patriarcal para um regime oligárquico. Assim, há a passagem da primitiva forma de pastoreio para uma rudimentar agricultura, a sociedade começa a valorizar o trabalho da terra e a produção de alimentos para sua sobrevivência, o trabalho tido como essencial para o desenvolvimento da nova sociedade e do próprio homem; de uma sociedade preocupada com os membros da comunidade, com o coletivo para uma sociedade individualizada. Contudo, mesmo no período de Hesíodo não se pode falar em classes sociais no sentido que hoje conhecemos, pois não havia uma estratificação rígida de classes.

O momento histórico apresentado, por Hesíodo, é um período de transição entre a destruição de uma sociedade antiga, fundamentada na estrutura familiar e no princípio do coletivo e a criação de uma nova sociedade estruturada na figura do indivíduo e da propriedade privada.

O *oikos*⁶ – propriedade familiar, rural e inalienável – se mantém presente no seio dos homens até o século V, sendo o ideal de estrutura social, embora sempre em fase de lenta extinção. Assim, essa estrutura social tão importante para a vida humana não desaparece totalmente no marco da vida de Hesíodo, apenas esse poeta tem a capacidade de perceber o que está a emergir e que

vencedores se apoderam de terras, de riquezas, de escravos para a venda, para o trabalho, enfim enobrecem e enriquecem.

⁶ Portanto, o *oikos* pode ser definida como uma instituição social, econômica e de produção, auto-suficiente, baseada na subordinação ao chefe – representado pela figura do grande guerreiro -, e formada de pessoas livres, escravos e parentes. A existência material do *oikos* é assegurada pelas suas terras, pelas suas edificações, pelos animais criados, em especial os rebanhos de gado, o material e as reservas de todo o tipo.

vai se solidificar no tempo. Ele apenas começa a perceber e a sinalizar esta transição que se concretizará, depois de muito tempo, na vida urbana. Pode-se intuir que ele vai sinalizar que o homem está só, que precisa esforçar-se no trabalho agrícola e que deve ser independente.

À época de Hesíodo é um momento onde a pequena propriedade aparece, lutando para sobreviver. Esse momento ainda não garantiu o abandono da zona rural pela cidade. A vida urbana ainda não é uma realidade hegemônica, pois essa transição do campo para a cidade não é comum em todos os lugares ao mesmo tempo, diferentes regiões da Grécia vivem, acompanham, ou se afastam desse modelo. Desse modo, essa transição do campo para a cidade não implica em deixar de ser guerreiro, principalmente porque aumentando a população aumenta a necessidade de terras que seriam conquistadas por intermédio das conquistas nas guerras.

Aos poucos percebemos que a sociedade homérica, constituída basicamente por aldeias e clãs, cede lugar para uma nova forma de organização social, a cidade. Contudo, a construção da cidade também é um processo lento, que vai se construindo e consolidando aos poucos. Entre a propriedade rural, o *oikos* da família, e a cidade existe uma organização intermediária, uma mediação que se chama propriedade privada de um indivíduo na zona rural. Portanto, nessa fase, ainda, a cidade não se constituiu, está em uma fase formação.

Os homens ao organizarem a cidade (em oposição ao campo) apresentam novos valores, necessidades diferenciadas e que se consolidam na medida em que vão consolidando a cidade. Portanto, a construção, organização e consolidação da cidade vai também estruturar uma nova série de atividades que vão definindo e configurando um novo modelo homem, em oposição ao homem rural, do *oikos* familiar.

Pelas manifestações de Hesíodo pode-se perceber a importância que a terra começa a adquirir para o sustento e a sobrevivência do homem. Pode-se considerar que a agricultura começa a surgir como o fundamento da civilização, assim, a terra é explorada sob diversas formas, tais como: agricultura e a atividade pastoril.

Em plantar, semear e a casa beneficiar (versos 22)
Sobre fecunda terra (verso 157)
Nem a homens equânimes a fome acompanha nem a desgraça: em festins desfrutam dos campos cultivados; a terra lhes traz muito alimento; nos montes, o carvalho no topo traz bálanos e em seu meio, abelhas; ovelhas de pêlo espesso quase sucumbem sob sua lã. (versos 230-234)
Enchendo-te de alimentos o celeiro (verso 301)

Ou seja, há uma exaltação ao trabalho, à fertilidade da terra e dos produtos oriundos da mesma.

Enquanto que, a sociedade homérica tinha como princípio o coletivo, a comunidade, o todo; a sociedade de Hesíodo tinha como características a individualidade e a propriedade particular. Ou seja, a existência da contradição social – condição essencial para a transformação social – de um lado a lógica do coletivo e de outro, a lógica do particular.

A sociedade homérica não tinha objetivos a longo prazo, pensados racionalmente. Ela não tinha, em termos de consciência muita clareza sobre passado e futuro, na medida em que o que importava era o momento atual e vivido pelos homens. Por isso, o seu princípio, embora possamos designar de “coletivo”, era apenas a indiferenciação do sujeito em relação à realidade que o circundava. O homem, na figura de seu representante, o guerreiro, era o próprio coletivo, pois não pensava esse coletivo como algo diferente dele, emancipado dele. Portanto, ele era (ou se via como) a comunidade, não se diferenciava da comunidade, ele era “filho de”, do “oikos tal”, da “região tal”. *Assim se reconhecia. Ele nunca se reconhecia como um indivíduo, como ocorre atualmente, por exemplo: Pedro, 24 anos, pedreiro, casado, com dois filhos, pobre. Seu reconhecimento passava pelas características do grupo, da família ou da terra da família à qual pertencia.*

Enquanto que a sociedade homérica estava pautada sobre o “coletivo” a sociedade em transformação, compreendida por Hesíodo, sem, contudo racionalizar ou explicar, está pautada sobre a figura do indivíduo. É o reconhecimento do homem como único, desmembrado do todo, separado (não mais substantivo, ou parte integrante de um conjunto maior).

Não podemos esquecer que há uma diferença em *pensar obrigatoriamente o todo*, enquanto família e terra, e *pensar obrigatoriamente o*

todo, enquanto indivíduo, único, proprietário de uma terra, que não tem parte com os outros. Ou seja, enquanto um é parte integrante de um *todo*, mesmo que se considere o *todo*, ele não está só, como também não se sente sozinho no mundo; o outro é único, está sozinho no mundo e sabe disso, razão de muitas angústias e desilusões. Portanto, uma diferença fundamental entre esses dois momentos é a forma como o homem se vê e se sente inserido na sociedade e no mundo.

A transformação social exigida pelo novo tipo de sociedade é complexa, pois o homem deixa a vivência, exclusivamente, familiar e grupal para habitar a cidade-estado, com princípios, valores e características totalmente diversas. Da mesma maneira que os princípios que regem a nova sociedade são alterados, também as características do homem dessa sociedade em construção serão modificados totalmente. Cada sociedade exige uma lógica e um modelo de homem que sustentam a prática social vigente. Os conhecimentos e características exigidos do homem em cada momento histórico são diferentes, em função do modelo de sociedade presente. Assim, o homem de Homero, o herói, o guerreiro, não poderá possuir as mesmas características e conhecimentos do homem de Hesíodo, o homem do campo, o camponês.

Em Homero o homem é um sujeito que se pensa miticamente, é a expressão de uma época mítica, diferentemente do homem de Hesíodo. Enquanto que o homem de Homero não se diferencia do *todo*, mas se distingue, do *todo*, o homem de Hesíodo é caracterizado pela individualidade, pela figura do “eu” enquanto ser, depende única e exclusivamente de si para sobreviver no mundo dos homens.

O homem de Homero, o guerreiro, é um defensor da família e da terra (sepultura) coletiva, onde todos são e devem se enterrados; é de uma rara energia; sua linguagem é rude, concisa, ignoram a retórica; sua brutalidade espontânea; sempre entra em combates singulares, está sempre em duelo, em represálias; está sempre atento à usurpadores de suas terras familiares; esses homens caracterizam-se pela amizade, pelo devotamento, ela fidelidade; não são fanfarrões, são valentes, bravos; suas emoções são em controle, sem racionalidade; suas emoções mais gloriosas passam pelas batalhas; suas glórias e valores pelas guerras vitoriosas. Diferentemente do homem de

Homero, o homem de Hesíodo, o homem da terra, o agricultor, o camponês; c) homem individual, começa a ser compreendido em sua plenitude, como um ser distinto dos deuses, e como tal, apenas um mortal, com características e valores próprios, defeitos e limitações.

Portanto, o homem de Hesíodo ainda não é o cidadão, da cidade-estado acabado, pois a mesma ainda está em construção, ele encontra-se num estágio intermediário. De fato, a gênese da cidadania começa com a consciência que ele não é o todo (família), e Hesíodo já tem consciência disso, posto que está a viver a pequena propriedade privada, particular, individual, que não mais tem obrigações com o clã.

O conceito de trabalho presente no pensamento de Hesíodo

O conceito de trabalho em Hesíodo remete-nos a um período longínquo e de formação de uma nova concepção e forma de encarar o trabalho, em que o trabalho passa a ser necessário à sobrevivência humana. Assim, pode-se dizer que o trabalho passa a ser o princípio norteador da nova sociedade, pois este leva à riqueza e ao “progresso”⁷ da sociedade.

Além da função de impulsionador do “progresso” da sociedade, de elemento de sobrevivência humana, o trabalho apresenta outra função não menos importante, servindo como base de justiça entre os homens.

No período homérico a ocupação básica era a agricultura, o cultivo da terra, ainda rudimentar sem muitos instrumentos e conhecimentos para que já conseguia suprir as necessidades mínimas da cidade-estado em crescimento.

Pode-se notar nos versos de Hesíodo sua exortação ao trabalho e a negação ao ócio

Oculto retêm os deuses o vital para os homens; senão comodamente em um só dia trabalharias para teres por um ano, podendo em ócio ficar; acima da fumaça logo o leme alojarias, trabalhos de bois e incansáveis mulas se perderiam. (Hesíodo, versos 42-46)

⁷ O conceito de progresso empregado nesse texto não tem o sentido de evolução, enquanto desenvolvimento de uma sociedade, mas sim o de transformação dessa sociedade. Em função de nossos objetivos, não cabe questionar ou supor se uma sociedade era mais desenvolvida do que outra, e sim compreender o processo de transformação ocorrido na sociedade.

Mas tu, lembrando sempre do nosso conselho, trabalho, ó Persas, divina progênie, para que a fome te deteste e te queira a bem coroada e veneranda Deméter, enchendo-te de alimentos o celeiro; pois a fome é sempre do ocioso companheira; deuses e homens se irritam com quem ocioso vive. (Hesíodo, versos 298-303)
Por trabalhos os homens são ricos em rebanhos e recursos e, trabalhando, desonra nenhuma, o ócio desonra é! (Hesíodo, versos 308-311)

Para Hesíodo, o trabalho é a base da justiça entre os homens, sem um não há outro.

Neste sentido Hesíodo se distancia, ainda uma vez, tanto do mundo homérico quanto do período clássico da cultura grega. Para ele a defesa e a reiteração da necessidade do trabalho se fazem pro motivos ligados à sobrevivência material, enquanto em Homero tanto os deuses (exceto Hefesto) quanto os heróis aparecem ocupados com inúmeras atividades, mas completamente poupados da fatalidade do trabalho, por outro lado, no período clássico, vemos até mesmo a apologia do ócio como condição necessária para atingir a felicidade, através da busca da verdade.

Se trabalhares para ti, logo te invejará o invejoso porque prosperas; à riqueza glória e mérito acompanham. Por condição és de tal forma que trabalhar é melhor, dos bens de outrem desvia teu ânimo leviano e, com trabalho, cuidando do teu sustento, como te exorto. (Hesíodo, versos 312-316)

Se nas entranhas riqueza desejar teu ânimo, assim faze: trabalho sobre trabalho trabalha. (Hesíodo, versos 381-382)

Nas raízes da terra e para homens ela é melhor. (Hesíodo, versos 19)

O trabalho, por sua vez, ao exigir disciplina, requer igualmente medida; desta forma as três noções aparecem interligadas pela necessidade da medida. Sua nova função social exigirá novos conhecimentos, técnicas e aptidões até então desconhecidas. Com essa nova função e exigência social surgirá o conceito de trabalho como sendo essencial ao homem e à sociedade, o trabalho passa a ser o princípio norteador dessa nova sociedade.

Como destaca Arendt (1997), os gregos no período de Hesíodo, conscientemente, já faziam a distinção entre trabalho e labor. Dessa maneira, viam no trabalho a possibilidade, apenas de satisfação de suas necessidades de básicas de sobrevivência. Portanto, o trabalho era tido como uma coisa boa e útil para a comunidade e para o homem grego. Contudo, o labor, o trabalho

realizado, com outras finalidades, sem ser a de satisfazer as necessidades básicas de sobrevivência, como por exemplo, para o acúmulo de riqueza ou necessário para a troca de mercadorias era tido como uma coisa ruim e destrutiva para a integridade humana.

O labor e o trabalho (ponos e ergon) são diferenciados em Hesíodo; só o trabalho é devido a Eris, a deusa de emulação (Os trabalhos e os dias 20-26), mas o labor, como todos os outros males, provém da caixa de Pandora (90ff) e é punição imposta por Zeus porque Prometeu “o astuto o traiu”. Desde então, “os deuses esconderam a vida dos olhos dos homens” (42ff), e sua maldição atinge “o homem que se alimenta de pão” (82). Além disto, Hesíodo aceita como natural que o trabalho, numa fazenda, seja feito por escravos e animais domésticos. Louva a vida cotidiana – o que, para um grego, já é bastante extraordinário – mas o seu ideal é o fazendeiro abastado e fino, e não o trabalhador que fica em casa e mantém-se afastado das aventuras do mar e dos negócios públicos da agora (29ff) tratando apenas de sua vida. (Arendt: 1997, 93-94)

Assim, o conceito de trabalho, enquanto sinônimo de cidadania, de possibilidade de ascensão social, de melhoria das condições de vida material e de prazer, será formulado e instituído formalmente com o início do modo de produção capitalista, embasado nos princípios burgueses de compra e venda da mão-de-obra assalariada.

Bibliografia

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- HESÍODO. **Os trabalhos e os dias (Primeira Parte)**. 3ª edição. São Paulo: Iluminuras, 1990.
- HOMERO. **A Ilíada (forma narrativa)**. Rio de Janeiro: Ediouro, tradução de Carlos Albertos Nunes. [s/d]
- NAGEL, Lizia Helena. **Ilíada: uma análise na contramão**. In: *Boletim de Estudos Clássicos*. Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra. Coimbra. Nº 29, julho 1998. p.135-144.
- ROSA, Silvina. **História da Educação no Brasil: a literatura como fonte alternativa**, 1994.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.